

JORNAL: O Globo LOCAL: Guarulhos

DATA: 11 12 1967 AUTOR: _____

TÍTULO: Vencedor do Salão Pancetti Pinta Para Transmitir Realidade Social.

ASSUNTO: Mesquita, Ivan o nosso melhor pintor e Dali o maior

© GLOBO ☆ 11-12-67 ☆ Página 6

Vencedor do Salão Pancetti Pinta Para Transmitir Realidade Social

Na tranquilidade de sua casa em Marechal Hermes, onde em seu "atelier" vive cercado de pombos, quadros, amigos que dedilham suavemente um violão, esposa e filhos, o pintor pernambucano Arlindo Mesquita aguarda, agora, sua próxima viagem a Paris que, segundo informou a O GLOBO, será realizada em princípios de janeiro. Essa viagem é o "Prêmio Pancetti", concedido ao primeiro colocado no II Salão Pancetti, organizado pelo 1.º Distrito Naval, como parte das comemorações da Semana da Marinha.

Mesquita apresentou-se na mostra com quatro trabalhos, "Flagelo n.º 1", "Flagelo n.º 2" — este, o quadro premiado — "Favela n.º 1", e "Favela n.º 2". Nessa sua nova fase artística, que evoluiu do impressionismo, não se filia rigidamente a uma escola ou estilo, mas rotula sua pintura como realismo social. E se sente dificuldade em classificar-se estilisticamente, sabe porém definir sua obra, dizendo: "Pinto não para enfeitar paredes, mas para transmitir a realidade social brasileira. Minha pintura é uma mensagem, não é uma decoração".

A Vocação

O garoto, filho de pescadores, lá em Olinda, tinha uma mania: a de rabiscar coisas, o rosto do pai, um barco no mar, a paisagem familiar. Aos 12 anos, já em Recife, conheceu as tintas. E sua pintura nasceu espontânea, sem escola, sem influências, num autodidatismo que ele próprio, hoje, classifica como fruto da falta de oportunidade em seguir um curso, comprar livros sobre o assunto, examinar os quadros dos grandes mestres. De Portinari — afirma — só foi saber de sua existência quando já se dedicava intensamente à pintura, embora no momento seus temas e estilo lembrem ligeiramente algumas obras daquele pintor. Depois, a aventura de vir para o Rio, onde se tornou funcionário civil da Marinha. Aqui, quase anonimamente, expunha seus quadros na Rua São José. Pouco a pouco, porém, tornava-se conhecido. Ganhou prêmios no Salão de Belas-Artes, medalhas de bronze e prata, e o primeiro prêmio na Exposição Cidade de Niterói, em 1965. Jornalistas e "experts" descobriram seu talento. Paulo Rodrigues, tragicamente falecido na catástrofe de Larajeiras, tornou-se seu amigo e admirador.

Continuava, no entanto, expondo na Rua São José. Por ali, um dia, passou um americano, que lhe disse: "Já comprei muitos quadros seus; na Califórnia há vários trabalhos de sua autoria." Principiava, então, o reconhecimento de sua obra. Um outro americano, Phillip Treitter, dono de cinco galerias nos Estados Unidos, levou-o para a Califórnia em 1966. Expôs em São Francisco, em Hollywood, em Los Angeles, na Galeria La Cienega; pintou bastante, mas deixou tudo por lá mesmo.

Hoje, tem perto de duzentos quadros inscritos no Departamento de Registro de Quadros da Califórnia.

Os Temas

De volta ao Brasil, dedicou-se ainda mais à pintura, reunindo amigos em sua casa para discutir seus trabalhos. Leu e estudou muito. E continuou produzindo o que chama de "sua mensagem", os temas que são as constantes de sua pintura: retirantes, flagelados, pescadores, a pobreza. Seus quadros retratam um realismo social em cores quentes, com figuras cujas fisionomias evocadas nada mais são que a dor e o desespero. Não se incomoda com estilos, afirmando: "Preto pinto como quero, sem subordinações, sem influências e sem influenciar ninguém". No entanto, "acha válidos os novos movimentos, como o "pop-art" e o "op-art". Considera Ivan Serpa o nosso melhor pintor, e Salvador Dali o maior entre os vivos. "Porque ele também — diga o que disserem — tem uma mensagem social para transmitir".

Quando nos Estados Unidos, esteve em Laguna City, cidade da fronteira mexicana que reúne pintores de todos os recantos do mundo. Ali, em uma semana, tornou-se conhecido como "um artista latino-americano que pinta coisas diferentes". Essas coisas diferentes eram seus retirantes e flagelados, que despertavam entusiasmo e admiração.

Irà para Paris com um desejo: o de também lá mostrar sua pintura. Levará muitos quadros, embora o prêmio conceda apenas uma viagem de passeio por sete dias. Mas, como afirmou, "se tudo correr bem como nos Estados Unidos, ficarei por lá uns seis meses". Estudando. Trabalhando. Mostrando o seu talento.